

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O CURTAS VILA DO CONDE
15 de outubro de 2020

NOITE TURVA / 2020

Realização: Diogo Salgado / **Argumento:** Diogo Salgado / **Fotografia:** Joana Silva Fernandes / **Edição:** Diogo Salgado / **Som:** Miguel Coelho, Roland Vajs / **Música:** Mitchell Alves / **Actores:** Afonso Gregório, Simão Bernardino, Lionel Santos.

Produção: João Nunes, Rui Xavier - Continue Walking (Portugal) / **Cópia:** DCP, cor, 14 minutos.

Quando somos mais pequenos, a escala das coisas pode assumir contornos diferentes da realidade: um pequeno bosque pode parecer a maior floresta do mundo, um jogo das escondidas pode parecer uma guerra, uma noite pode parecer durar uma eternidade e um pequeno erro pode ser uma tragédia. Dois rapazes correm num bosque numa espécie de jogo “do apanha”, quando um deles se esconde. Para se vingar, o outro resolve ir embora e esconder a bicicleta do primeiro, o meio que o permitiria regressar a casa. A partir desta premissa simples constrói-se um labirinto sensorial, de silêncios interrompidos por ruídos noturnos, de escuridão invadida pela luz da lua, em que os elementos naturais parecem ganhar primazia e a primeira imagem do filme ameaça tornar-se premonitória. “Noite Turva”, um filme denso e misterioso, mas que ao mesmo tempo abre espaço para o espectador ampliar os seus anseios na forma como o filme lentamente desvenda o seu enredo, marca a estreia de Diogo Salgado no Curtas. (João Araújo, Curtas Vila do Conde).

GIÒNG SÔNG KHÔNG NHÌN THAY / 2020

("O Rio Invisível")

Realização e argumento: Pham Ngoc Lân / **Fotografia:** Pham Quang Minh, Nguyen Vinh Phuc / **Edição:** Julie Béziau / **Som:** Arnaud Soulier / **Música:** Nguyen Xuan Son / **Actores:** Wean, Naomi, Minh Chau, Nguyen Ha Phong, Ha Hoang, Mac Can.

Produção: Pham Ngoc Lân, Ngô Dài Trang, Tran Thi Bích Ngoc, (Vietname/Laos) / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português, 23 minutos.

Duas histórias paralelas – um casal novo e outro velho – e um rio que as atravessa: numa, o rapaz dirige-se a um templo de monges em busca de uma cura para a sua insónia; noutra, o cão encontra a antiga amante do seu dono junto a uma central hidroelétrica. Depois de “Blessed Land” (2019), também exibido em competição no Curtas, o realizador Pham Ngoc Lân, formado em arquitetura e urbanismo, retoma um olhar crítico sobre o território, desta feita sobre a colossalidade da barragem, por um lado, e do próprio templo, por outro. Em “The Unseen River”, os casais nunca se cruzam e a montagem salta de um encontro para o outro, atribuindo ao rio o papel principal. Nos diálogos, o sonho equipara-se ao banho de rio e surge como um estado de flutuação transtemporal que permite regressar ao passado – num lugar de reencontro com os ausentes – e ver o futuro. Ao privilegiar os movimentos de câmara, de que se destacam os vagarosos “zooms”, que mergulham o espectador numa atmosfera onírica, Lân explora as relações metafóricas entre tempo, sonho e rio. Um rio que simboliza a inocência, a pureza, mas também a passagem para a morte e a violência da natureza. Mas este é o retrato de um rio “invisível”: o do fluxo vital, um rio do tempo que corre. (Alexandra João Martins, Curtas Vila do Conde).

DUSTIN / 2020

Realização: Naïla Guiguet / **Argumento:** Naïla Guiguet / **Fotografia:** Claire Mathon / **Edição:** Nathan Jacquard, Vincent Tricon / **Som:** Hugo Rossi, Jean-Charles Bastion, Victor Praud, Jean-Charles Bastion / **Actores:** Dustin Muchovitz, Félix Maritaud, Raya Martigny, Juan Corrales, Lucie Borleteau, Erwan Fale. **Produção:** Jean-Etienne Brat, Lou Chicoteau - Alta Rocca Film (França) / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português, 20 minutos.

Esta é a estreia no Curtas de Naila Guiguet, recém-formada realizadora francesa que apresenta no festival a sua primeira curta-metragem, "Dustin". Guiguet partiu para a rodagem do seu primeiro filme profissional utilizando como principal cenário eventos que organiza para a comunidade LGBTQIA+ enquanto DJ e membro fundador do grupo Collective Possession. Com a introdução singular no argumento do ambiente sonoro alucinante da música techno, a realizadora convida o espectador a partilhar o clima de alheamento e introspecção das personagens que constroem esta narrativa, e o seu relacionamento. Sublinha-se a sensibilidade discursiva com que Guiguet nos torna conscientes da presença e estética do corpo da personagem principal em contraste com o seu grupo, e com uma multidão de gente subtilmente iluminada nos enquadramentos iniciais. Através de Dustin, na representação da personagem transgénera e homossexual que dá o título ao filme, e do seu grupo de amigos, presenciamos o estado de deriva emocional e melancolia consequentes de uma rave. Esta curta-metragem destaca-se pela forma atual e poética com que faz o retrato da realidade noturna alternativa, bem como pela naturalidade com que representa o processo de aculturação e socialização da comunidade retratada. (Bárbara do Carmo, Curtas Vila do Conde).

HIDDEN / 2020

Realização: Jafar Panahi / **Fotografia:** Solmaz Panahi, Jafar Panahi, Nader Saivar / **Edição:** Amir Etminan / **Som:** Reza Delpak / **Actores:** Shabnam Yousefi, Solmaz Panahi, Jafar Panahi, Leyla Khezri. **Produção:** Dimitri Krassoulia-Vronsky, Philippe Martin - Les Films Pelléas (França/Irão) / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português, 19 minutos.

Jafar Panahi, um dos mais importantes realizadores iranianos e do cinema independente mundial, foi preso em março de 2010, juntamente com a mulher e filha, por ofensas ao estado iraniano, tendo sido condenado a seis anos de prisão domiciliária e à proibição de filmar durante 20 anos. Porém, o inventivo realizador tem encontrado formas de continuar a produzir, reinventando o seu cinema e adaptando-se a essa condição. A sua longa mais recente, "Três Rostos", tomava a forma de um "road movie" e contava a história da procura por uma jovem atriz forçada a esconder-se, e a sua ocupação, da sua família conservadora. Com "Hidden", Panahi volta a percorrer caminhos parecidos, quando parte, acompanhado da filha, para um encontro com uma rapariga da qual lhe chegam notícias que possui uma belíssima voz, mas que por causa de restrições familiares e religiosas mantém-se reclusa em casa e esconde o seu talento. Panahi filma essa rapariga - ou melhor, a sua voz - num gesto emocional e poderoso, para não deixar cair no esquecimento nem esta rapariga nem outros com destinos semelhantes, para recordar, na figura dela e da sua história, outras vozes forçadas ao silêncio. É o cinema como uma arma contra o esquecimento, como resguardo do que é belo e invisível, contra o tempo. (João Araújo, Curtas Vila do Conde).